

atlas de **RELACÕES INTERNACIONAIS**

NÚMERO 6

IRLANDA: POLÍTICA ECONÔMICA

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — O Quadro Geográfico. 2 — Estrutura Econômico-Social. 3 — Independência — Vassalagem — União. 4 — O "Home Rule". 5 — A Irlanda e as Guerras Mundiais. 6 — Política versus Economia 2

HONG-KONG: PORTA COMERCIAL

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Geográficos. 2 — A importância de Hong-Kong. 3 — Aspecto Geopolítico. 4 — O Destino de Hong-Kong. 9

OS ESTADOS DA ARÁBIA

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Aspecto Geográfico. 2 — A Arábia Otomana. 3 — Os Hashimitas do Hedjaz. 4 — As Aventuras de Ibn Saud. 5 — Os Destinos de Aden. 6 — A Arábia e seu Petróleo 13

ATUALIDADES MEXICANAS

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Geográficos Gerais. 2 — Evolução Política. 3 — Situação Econômica. 4 — O Progresso e a Estabilidade Política 19

IRLANDA: POLÍTICA, ECONOMIA

DELGADO DE CARVALHO

1 — O Quadro Geográfico

Nas extremidades ocidentais da Europa, a Irlanda é uma das ilhas destacadas de um passado "Atlântida Setentrional", que as águas oceânicas pouparam no seu assalto ao continente. Terras assim isoladas, hoje ditas Ilhas Britânicas, foram sulcadas por dois dobramentos sucessivos: o dobramento *caledônio* (siluro-devoniano) e o dobramento herciniano (carbopermiano); o primeiro no norte e o segundo no sul, em ambas as grandes ilhas. Dêste modo, ficou a ilha irlandesa dotada de relevos muito antigos, fortemente erodidos, separados por uma planície central mediana, formada de rochas sedimentares.

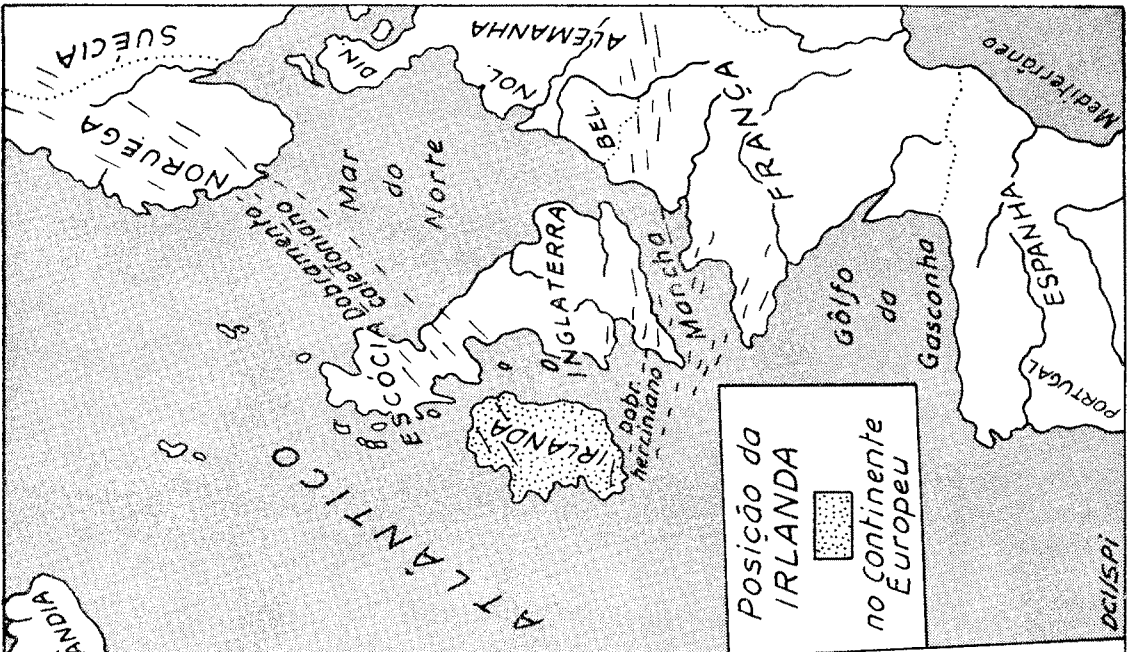
As montanhas de Irlanda não se apresentam em maciços compactos, nem em serras contíguas, depressões as separam. As linhas divisórias das águas são, freqüentemente, pouco marcadas. Em regra, são de formas arredondadas, por vêzes cônicas. No relêvo meridional levantam-se os blocos principais, que raramente ultrapassam mil metros, como *Carrantuohill*. Muitas paisagens sulistas guardam as feições que lhes deram as geleiras do passado. As numerosas rias e formas de fiordes do sudoeste irlandês, nos condados de *Kerry* e de *Cork*, são, de fato, extensas morainas, cujas linguas glaciais se projetam no mar em estreitas penínsulas, nas quais se destaca, aliás, o mais importante relêvo da ilha. No Nordeste o relêvo caledoniano também apresenta alguns blocos montanhosos, que revelam a ação glaciária nas suas cristas, recortadas e cristalinas, ou nas suas formas tubulares de arenito. O mais interessante se acha no condado de *Antrim*, onde um planalto basáltico, na vizinhança do litoral, apresenta as

famosas falejas com arcos, colunas e pilastras, como gigantescas ruínas de aspectos geométricos; lá se localiza o chamado *Lajeado dos Gigantes*.

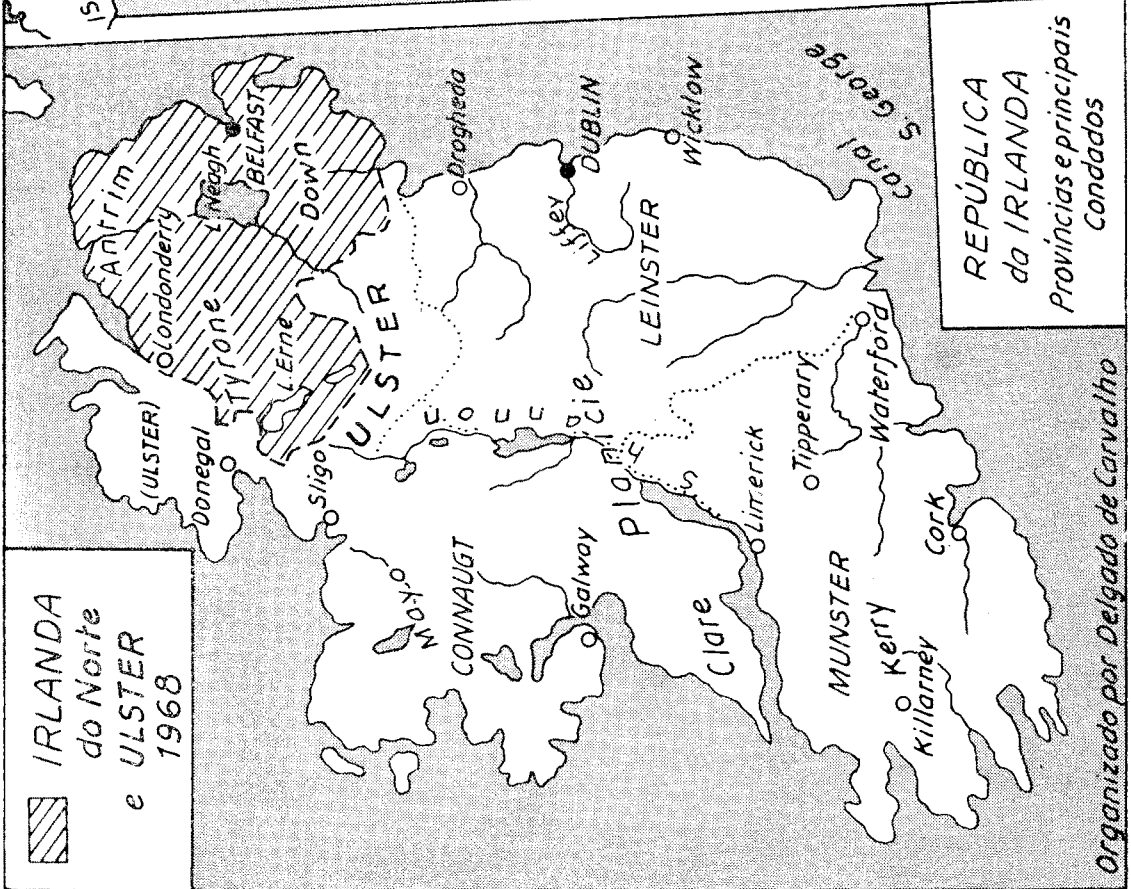
A planície central, pouco acima do nível do mar, se estende de leste a oeste, do mar da Irlanda ao oceano Atlântico, apenas com ligeiras ondulações. Em grande parte calcária, é formada de camadas horizontais de rochas nuas, cortadas de sulcos e depressões; aí se multiplicam as grutas, cavernas e rios que se perdem em *swallow holes* (buracos que engolem) com drenagem subterrânea. É a terra dos lagos por excelência, de formas alongadas e recortadas, principalmente no *Connauhht*, isto é, a oeste do rio *Shannon*. Este, de norte a sul, parece dividir a Irlanda, pois é na vertente oceânica que mais é falada a língua gaélica. O maior dos lagos irlandeses, todavia, é o *Laugh Neagh* no Antrim. Esta abundância de lagos, de todos os tamanhos, e rios, que se ligam nas enchentes de inverno, é resultado do *clima úmido*, em tôdas as estações das chuvas abundantes, que tornam o solo impróprio à agricultura rendosa, à vegetação florestal, mas em compensação à formação de *campos*, de extensos gramados em clima marítimo.

2 — Estrutura Econômico-Social

Poucas terras de posição oceânica possuem um tipo tão completo de clima marítimo comparável ao da Irlanda. As chuvas abundantes, principalmente no sudoeste, onde alcançam e passam de 2.000 mm por ano, no *Kerry*, são mais moderadas na parte oriental da ilha. Distribuídas mais ou menos igualmente nas quatro estações, elas mantêm uma unidade constante e um nevoeiro denso, provocado pelo ar mais



Posição da IRLANDA no Continente Europeu



IRLANDA do Norte e ULSTER 1968

REPÚBLICA da IRLANDA
Províncias e principais Condados

Organizado por Delgado de Carvalho

quente, proveniente do oceano, ao encontrar águas mais frias. As temperaturas e as suas oscilações térmicas são moderadas, mas uma insolação insuficiente e o solo úmido não favorecem à agricultura, embora se prestem à formação de campos e gramados, por vêzes, de parques.

Semelhantes condições de clima são decisivas, não só na formação da vegetação e para a produção agrícola, como também na própria estrutura social. A Irlanda do passado foi, essencialmente agrícola, mas suas lavouras nunca produziram o que podem proporcionar boas terras; sempre se limitou ao abastecimento local. Entre poças d'água, chamadas *bogs*, charnecas de vegetação rasteira e turfeiras, são relativamente poucas as terras férteis, a não ser na vertente oriental e nos vales de *Shannon*. Em compensação, as pastagens são extensas, pitorescas e rendosas. Daí o recuo progressivo das culturas irlandesas e sua substituição pela criação de carneiros, de gado bovino, de cavalos e de suínos. O campo-nês abandonou a lavoura de exportação para a indústria animal, principalmente quando, no século passado, se abriram os mercados de produção agrícola nos países novos, e nos países coloniais, pois já não mais podia competir com os preços destes novos competidores o fraco rendimento da lavoura irlandesa. Ainda são cultivados, em reduzida escala, o trigo e a cevada; vingam também, em boas condições, o linho e o cânhamo; mas os produtos mais importantes para a população são a avelha e a batata.

A Irlanda independente não possui nem minérios, nem carvão, mas as suas *turfeiras*, embora de fraco poder calorífero, fornecem, em colossais proporções, de fácil exploração, o combustível necessário para tôdas as necessidades. A produção de energia elétrica emprega carvão importado, e essa fôrça é utilizada na sua pequena, mas bem aparelhada *indústria mecânica*, consagrada principalmente à transformação de produtos da criação: queijos, leite condensado, carnes salgadas, couros, con-

servas, manteiga. Possui, também, a Irlanda destilarias de álcool de batata e cervejarias. As cidades mais industrializadas são *Dublin*, *Cork*, *Limerick*, *Waterford* e *Kilkenny*. As cooperativas apareceram em 1890 em Limerick e têm se alastrado e se federado na *Irish Cooperative Agency Society*. A prosperidade irlandesa é, pois baseada nos seus produtos de criação. A Irlanda do Norte planta linho e possui fábricas de tecidos em *Belfast* e nos condados. Nesta parte da ilha são exploradas as minas de carvão, de cal, de basalto e pedreiras.

3 — Independência — Vassalagem — União

Êstes três títulos condensam, (no livro do professor Rivoaltam sobre a Irlanda) tôda a evolução histórica que precedeu a libertação final do país. A independência coincidiu com a fase *gaélica* da nação celta; as duas outras fases ligam a ilha à Inglaterra. Os *celtas*, população indu-européia de origem continental, foram invasores e progressivamente levados por outros invasores germânicos a ocupar as extremidades ocidentais da Europa, isto é, as Ilhas Britânicas, a Bretanha francesa e o noroeste da Ibéria. Na Irlanda atual, as populações gaélicas se localizam, ainda, nos condados ocidentais (*Mayo*, *Donegal*, *Galway* e *Kerry*). A sua história é, em realidade, a obra secular de uma comunidade germânica sobre uma comunidade céltica, que já tinha um desenvolvimento insular original: a Irlanda foi a primeira colônia inglesa, mas foi a que melhor absorveu os colonos invasores, a partir do século XVI.

Ê possível que os *menhires*, os *dolmens* e outros megalitos do Neolítico sejam vestígios de comunidades que ocuparam a ilha antes dos celtas, mas verifica-se que, antes da Era Cristã, já lá estavam constituindo pelo menos quatro monarquias: *Ulster*, *Munster*, *Connacht* e *Leinster*. A organização social era primitiva e original, nem romana nem feudal, tendo como célula vital o *tuath*, um organismo minúsculo, mas completo, dotado de tôdas as clas-

ses e sob a proteção de um chefe ou rei. O conselho jurídico dos *brehons* assistia o rei e escolhia o seu herdeiro na família real. O relativo isolamento das comunidades gaélicas levou-as a cuidar mais das questões de produção e alimentação do que os problemas de defesa militar, circunstância que cedo colocou as monarquias irlandesas em condições de inferioridade contra os invasores de além-mar.

Uma das instituições gaélicas, interessante e característica, era o *fosterage*, isto é, a entrega da criança até os 17 anos a uma família amiga, dita "parente de leite" pela sua família, "parente de sangue". Até o século XVIII vigorou esta prática: Daniel O'Connell, por exemplo, ainda foi transferido, deste modo, para uma família de adoção.

Na fase gaélica de independência, registra-se o longo domínio da monarquia do norte, em que os reis de Connacht são os reis supremos ou *ard-Ri*. Aí predominou a família dos Nials. No século V a Irlanda é convertida ao cristianismo pelo bispo inglês São Patrício e, por sua vez, se destaca enviando prelados irlandeses para pregar no continente. S. Colomban, fundador de mosteiros (Derry, Kells) e Santa Brígida, abadessa de Kildare, destacaram-se na igreja irlandesa. Os monges celtas, além de escribas e eruditos, eram também lavradores e trabalhavam nas oficinas monásticas.

Nem por isso eram sempre pacíficas as relações entre os reinos da ilha; aconteceu porém que tiveram de resistir a invasões dinamarquesas no norte, onde foi tomada e destruída a primacial cristã, *Armagh*. Vitoriosa, finalmente, a resistência celta, os dinamarqueses não deixaram de ocupar as orlas litorâneas e a eles deve o país: Dublin (Dubh-Linn a poça negra) Waterford, Cork e Limerick. O rei de *Munster*, *Brian Boru*, depois de lutar e vencer o rei de *Leinster*, tendo se ligado a ele para combater os dinamarqueses, os irlandeses derrotaram os seus inimigos em *Clontarf*, perto do estuário do rio Liffey, em 1014. Con-

tinuou, entretanto, a rivalidade ao redor do trono do norte. No século seguinte, Dermot um rei de *Leinster*, destituído de suas funções e não encontrando aliados na ilha, não hesitou em velejar para a Inglaterra e solicitar a intervenção dos normandos que, sobre os dinamarqueses, tinham conquistado o trono inglês. Era então rei Henrique II, que aceitou a sugestão e, com o apoio moral do Papa inglês Adriano IV, não deixou passar a ocasião de se fazer reconhecer "Lord" da Irlanda pelo *Traçado de Windsor* (1175).

Começava, assim, uma longa fase histórica de *vassalagem* à Inglaterra, que durou mais de seis séculos. Sem muitas intervenções da realeza inglesa, não foram poucos os anglo-normandos que se deslocaram para a Irlanda e, por meio de casamentos e ligações políticas, deixaram de ser estrangeiros, integrando-se na sociedade gaélica. Nas próprias regiões invadidas pela imigração não deixavam, os chefes irlandeses, de manter seu prestígio, sendo em tudo imitados pelos barões anglo-normandos. De fato, as primeiras tentativas inglesas de proibir o uso da língua gaélica, de casar com moças irlandesas, de manter bardos, harpistas e cancioneiros gaélicos de se conformar ao direito "Brehon", caíam em rápido desuso. O rei Ricardo II, por isso, permitiu a existência de um parlamento irlandês quando, em 1399, foi à Irlanda. Durante a Guerra dos Cem Anos, a Inglaterra pouco procurou se imiscuir nos acontecimentos da ilha. O ponto nevrálgico da questão anglo-irlandesa revelou-se quando Henrique VIII assumiu o título de rei e resolveu impor o *Ato de Supremacia*, substituindo o anglicanismo à tradicional religião dos irlandeses; seu filho Eduardo VI aboliu a missa; sua filha Elizabeth I perseguiu os católicos, afastando-os dos serviços públicos e inaugurando a política de *Colonização e Plantação*. A tentativa espanhola de acudir os irlandeses havia sido malograda com a destruição de sua *Invencível Armada*; muitos espanhóis naufragaram na Irlanda e lá se fixaram.

Quando a *revolução inglesa* anti-monárquica e puritana procurava vencer a realza, os irlandeses julgaram oportuno defender Carlos I; o triunfo de Cronwell acarretou o desembarque de expedições punitivas na costa oriental: *Drogheda* e *Wexford* foram saqueadas. Maiores restrições foram impostas aos católicos excluídos das profissões liberais.

A guerra de independência dos Estados Unidos animou os patriotas irlandeses, assim como a Revolução Francesa, que chegou a mandar o general Hoche e 15 mil homens à Irlanda onde, aliás, nada conseguiram. Lançou então William Pitt a idéia de unir a Inglaterra à Irlanda, o que foi realizado a 1.º de janeiro de 1801, iniciando o novo século o *Ato de União*.

4 — O “Home Rule”

Nem tôdas as promessas de Pitt foram realizadas em favor da Irlanda, unida à Inglaterra. Um movimento reformista foi encabeçado por um advogado do Kerry, Daniel O’Connell. Conseguiu a igualdade de direitos e a emancipação dos católicos (1829), a abolição da *decima* que êstes pagavam para a manutenção da Igreja anglicana (1838), mas não chegou a obter o *Repeal*, isto é, a ab-rogação da União. Prêso por ter planejado uma manifestação em Clontarf, apelou para a câmara dos Lords, que atendeu a seu pedido. Foi sucedido na sua luta pela independência, pelo publicista *Davis*, que fundou o jornal irlandês *Nation* e o partido da “Jovem Irlanda”. Em meados do século, porém se abateu sôbre a ilha a desastrosa *grande fome* resultante da moléstia da batata, alimento básico da população e motivada por dois anos de privações (1846-47). Ocasinou a morte de milhares de pessoas e forte emigração para os Estados Unidos, principalmente. A população da Irlanda que havia sido, em 1841, de mais de 8 milhões, caía, em 1891, a 4 milhões e meio.

Na segunda parte do século XIX, destacou-se na defesa das reivindicações nacionalistas irlandesas o tribuno

protestante C. S. Parnell que, eleito deputado colocou definitivamente no parlamento britânico, a “questão irlandesa”, por meio de eloqüentes discursos, sistemática obstrução e hábeis acôrdos, com o grande ministro liberal Gladstone. Coube a êste apresentar, repetidamente projetos de autonomia da nação irlandesa, e o chamado *Home Rule*. Eram tentativas para obter do Parlamento de Londres um regime de separação, que dotasse a Irlanda de um Parlamento próprio (suprimindo a representação irlandesa em Londres) e de um *poder executivo* nacional. Os obstáculos a semelhante instituição eram sempre levantados pelos lordes, pelos conservadores e pelos *irlandeses do Ulster*, isto é, por descendentes mais diretos dos anglo-escoceses, que passaram a ser chamados *unionistas*, por quererem manter a união. O *Home Rule* havia se tornado um artigo do programa do Partido Liberal, mas não coube a Gladstone a glória de vê-lo votado no Parlamento.

Muitas reformas de menor alcance foram, entretanto, obtidas pelos irlandeses; o ministério *Balfour* proporcionou empréstimos aos campônios para a compra das terras que cultivavam; a *lei Wyndham* resolvia a questão agrária, com o loteamento das grandes propriedades, com indenizações ao landlord e prestações periódicas a pagar ao Estado, em sessenta anuidades (1903). De volta ao poder, os liberais prepararam definitivamente as leis constitucionais que deviam levar ao *Home Rule* (ministério Asquith — 1912).

Mas os unionistas começaram, então, a se preparar para uma oposição armada ao *Home Rule*. Sob a direção de Edward Carson, foram treinados milhares de “orangistas” unionistas; ao mesmo tempo, no sul, armavam-se os *Sinn Fein* sob forma de *voluntários irlandeses*.

5 — A Irlanda e as Guerras Mundiais

O conflito civil, que ameaçava a Irlanda em 1914, não teve tempo de se produzir, em razão da *Grande Guerra* européia, que então rebentava. Chefes

de ambos os partidos irlandeses expressaram a sua lealdade à causa britânica e ambos recrutaram homens para a sua defesa. Desde 1906, porém, existia a organização *Sinn Fein* (formada nos Estados Unidos) que, na Irlanda, além de seus "voluntários" planejava ação direta na primeira ocasião, ora a situação da Inglaterra, envolvida na guerra, surgia oportunamente. Aos poucos crescia o sentimento anti-britânico, mesmo entre os alistados, aos quais não havia sido permitido, nem bandeira irlandesa, nem uniformes ou marcas distintivas.

Por meio de canais irlandeo-americanos, os *Sinn Feiners* entraram em contato com as autoridades alemãs para a rebelião planejada para a Páscoa de 1916. Deu-se, de fato, o movimento na segunda-feira de Páscoa, ficando nêle comprometido Sir Roger Casement, que foi prêso e executado. O levante levado a efeito foi grave, mas foi abafado com certo rigor; mas o recrutamento obrigatório não foi imposto à Irlanda.

Nas eleições de 1918 venciam os candidatos do *Sinn Fein*, mas, em vez de seguirem para Londres, constituíram-se em Parlamento Irlandês, o *Dail Eireann*, em Dublin, elegendo De Valera, um dos chefes conspiradores de 1916, como presidente de uma proclamada "república". As tentativas inglesas de restabelecer perfeito contrôle na Irlanda só vieram piorar a situação entre os dois partidos irlandeses, que se digladiavam: os partidários do Home Rule e os *nacionalistas* intransigentes. As guerrilhas acabaram quando Lloyd George ofereceu à Irlanda o *Estatuto de Domínio*, como o do Canadá e de outras nações do Império. Os negociadores irlandeses foram a Londres e aceitaram o pacto (1921). Apenas ficava fora do "Estado Livre" irlandês a província de Ulster que continuava britânica com governador representante do rei, gabinete e legislatura bicameral. Em 1925 eram definitivamente fixados os limites da denominada *Irlanda do Norte* com *Belfast* como capital de suas províncias.

Não tendo De Valera aceito a solução dada em Londres e aceita em Dublin, retirou-se e foi substituído por Griffith, um dos negociadores, feito presidente provisório, a quem sucedeu o primeiro presidente do Estado Livre, William Cosgrave. Passou então De Valera a chefiar a oposição, tendo o grupo *Fianna Fail* na liderança do partido. Eram objetivos desta oposição: 1 — a independência absoluta da Irlanda, com a retirada do governador real. 2 — a abolição do juramento à Coroa Real; 3 — o cancelamento das anuidades pagas ao tesouro britânico pelos lotes vendidos em 1903 aos lavradores irlandeses (Lei Wyndham). Esta última dificuldade ocasionou uma certa guerra tarifária entre a Inglaterra e a Irlanda, que prejudicou ambas as partes.

As eleições de 1932 levaram o partido *Fianna Fail* ao govêrno com De Valera como primeiro Ministro.

Aos poucos foram sendo rompidas, pelo *Dail*, os laços já frouxos, que uniam a Irlanda à Grã-Bretanha (abolição do vice-govêrno, do juramento, do direito de apêlo ao "Privy Council" de Londres) e, finalmente, redigida nova Constituição em 1937. Em vez de "Estado Livre" ficou a nação sob o nome de *Eire* (República da Irlanda). O seu govêrno consta de um presidente, com mandato de sete anos, de duas casas, no *Dail*, eleitas por um colégio eleitoral de novecentos membros. Foram presidentes da república irlandesa Douglas Hyde, um protestante (1938-1945), O'Kelly (1945-1959) e Eamon De Valera, (1959-1966).

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, a Irlanda republicana declarou a sua neutralidade, mas continuou a ter relações diplomáticas com a Alemanha, concedendo maiores liberdades de ação aos diplomatas do Eixo, o que provocou certa estranheza em Londres. Mais de 180 mil irlandeses, entretanto, foram trabalhar nas oficinas britânicas e não poucos serviram no exército inglês. Em 1955 a Irlanda foi admitida membro das *Nações Unidas*.

No que diz respeito às relações entre a Irlanda e a Grã-Bretanha, que mantém, reciprocamente, embaixadas, dá-se o fato de a nacionalidade irlandesa não ser considerada, nem como britânica, nem como estrangeira na Inglaterra e juridicamente dispensada de muitas formalidades aplicadas a estrangeiros.

6 — Política versus Economia

A feição mais curiosa que caracteriza as relações anglo-irlandesas é o acentuado contraste que oferecem, ou pelo menos ofereceram no passado, as *relações políticas* e as *relações econômicas* sempre tão íntimas. Há séculos que a Irlanda é uma província da economia britânica, apesar das frequentes fases de hostilidade, que surgiram anteriormente à completa independência da ilha. A economia da Inglaterra foi cedo favorecida pela sua maior proximidade do continente, por seus maiores recursos e pela sua própria extensão territorial. A Irlanda tem, por exemplo, minas de carvão, mas o mercado inglês dele não necessita; ao contrário, fornece combustível aos irlandeses. Os cereais da Irlanda não puderam vencer, no mercado inglês, os cereais provenientes da Europa e das colônias, por isso tornou-se a Irlanda essencialmente *criadora*. Por outro lado, a marinha britânica, que cedo

dominou os mares, não deu oportunidade à marinha irlandesa de se desenvolver. Até bem pouco tempo, toda a produção exportada da Irlanda: carnes, ovos, leite, queijo, gado em pé, manteiga, cerveja e objetos manufaturados, eram levados dos portos irlandeses por navios ingleses. Entretanto a quase totalidade das relações comerciais da Irlanda se efetuam com a Grã-Bretanha, pois para ela mandam os irlandeses 85% de suas exportações e dela recebem de 75 a 85% de suas importações.

De 1933 para cá, a política de De Valera, várias vezes à frente do executivo em Dublin, tem sido a de acelerar a *industrialização* do país. Promoveu a instalação de várias fábricas, refinarias, olarias, fábricas de cimento, de sapatos. Nestes ramos de produção, aliás a Irlanda do Norte, anglo-escocesa, é mais bem dotada. O surto que a política econômica de Dublin deu à república, foi, a princípio, baseada na majoração das tarifas, mas a subida dos preços, num país pobre, foi contra-producente e De Valera preferiu assinar, com a Grã-Bretanha, o *Acôrdo Econômico de 1938*, que não somente liquidou a questão pendente das anuidades, mas restabeleceu um proveitoso intercâmbio entre as duas nações, baseado na cooperação econômica tradicional, isto é, num laço mais forte do que todas as combinações políticas.

HONG-KONG: PORTA COMERCIAL

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG.

1 — Aspectos Geográficos

Na entrada da baía de Cantão encontra-se a *colônia inglesa de Hong-Kong*, vizinha de Macau, em poder dos portugueses.

A possessão inglesa é, na realidade formada por três regiões distintas: a *ilha de Hong-Kong* (83 km²), a *península de Kowloon* (41 km²) e o chamado "Nôvo Território" incluindo, entre várias ilhas, a de *Lantão* (839 km²), formando assim uma área de 1 013 km², pouco menor que a do estado da Guanabara.

Sua população total é de 3.692.000 habitantes, dos quais 98% são chineses; destes, 1.124.000 habitam a *cidade de Vitória*, capital da colônia, situada na costa setentrional da ilha de Hong-Kong. A cidade está dividida em duas partes: a zona nativa, de característica notadamente chinesa, tanto por suas edificações como por seus moradores; e a parte européia, com amplas ruas paralelas ao mar, na área plana e comercial, que se comunicam com o alto residencial através de viadutos e planos inclinados. Em frente a Vitória, separada pelas águas da baía, na península do mesmo nome, está a *cidade de Kowloon*, o mais importante centro comercial da colônia, ligada a Cantão por ferrovia.

O termo *Hong-Kong*, que serve para designar a colônia em geral, deriva do chinês, e entre as várias interpretações significa — ricas águas, águas perfumadas ou pôrto delicioso. Na realidade, está aí o único pôrto seguro e profundo, entre Shangai e o Vietname que, com seus 27 km de extensão, serve para a entrada dos pro-

datos ingleses na China Popular.

Hong-Kong destaca-se pela natureza montanhosa da ilha e a situação magnífica da baía entre a ilha e a terra firme. Sua situação lhe garante grande atividade comercial, sendo, sobretudo, a *porta comercial da China*.

Além de *centro comercial*, a colônia se destaca, também, nas *atividades industriais*. A indústria têxtil ocupa lugar de destaque, seguida pela do cimento (240.000 toneladas); entre os *produtos minerais*, o ferro vem à frente com uma produção de 134.000 toneladas (1965).

A *agricultura* é praticada principalmente no "Nôvo Território", onde se planta o arroz, alimentação básica da população; a produção da colônia é, no entanto, insuficiente, daí receber alimentos da China Comunista, de onde lhe vem também a água e eletricidade.

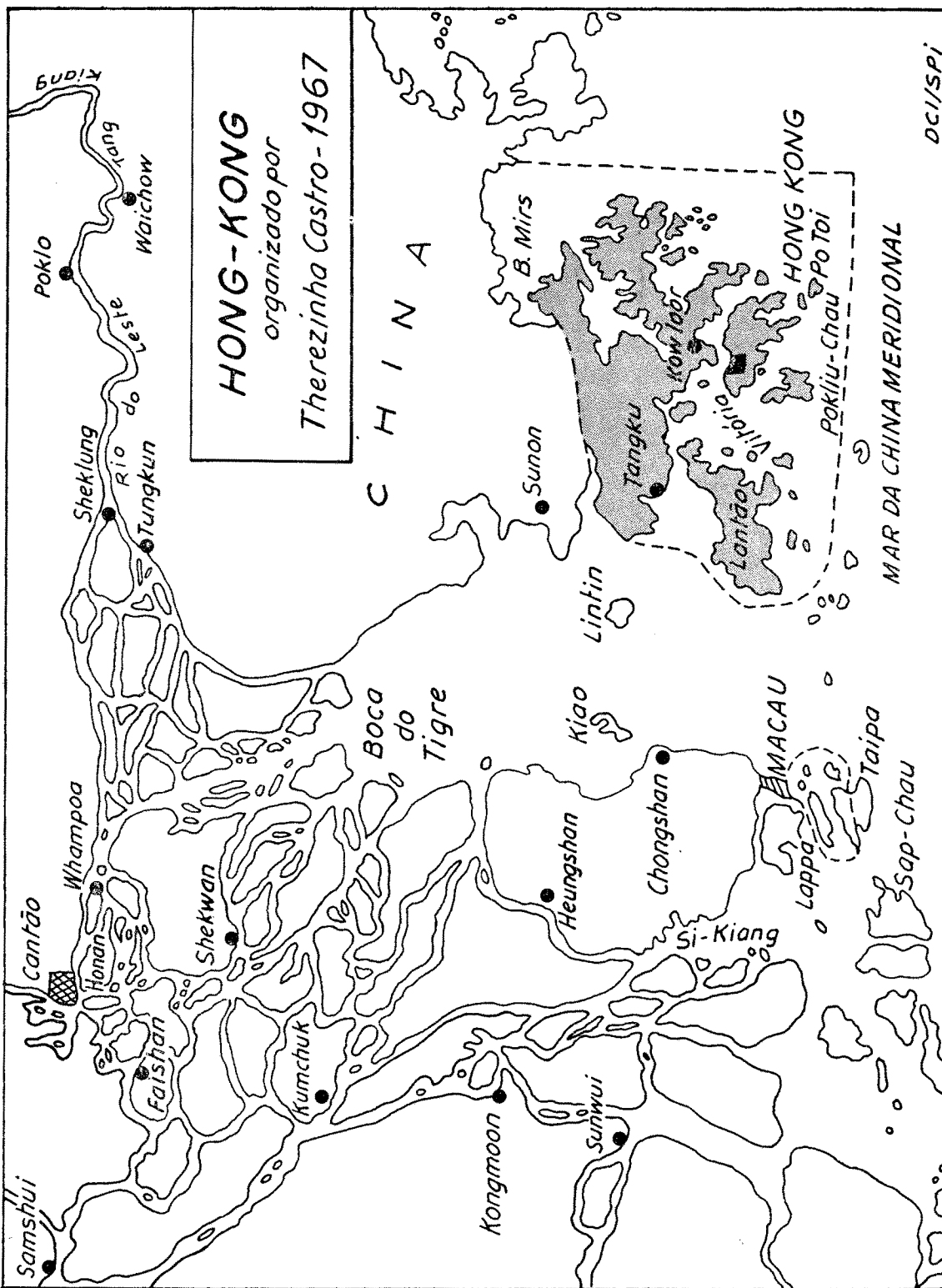
Região de turismo desenvolvido, Hong-Kong é servida por 865 km de estradas de rodagem, em sua maioria pavimentadas, e 37 km de ferrovias.

Conta Hong-Kong com duas universidades, além de escolas do nível médio, de orientação exclusivamente chinesa, anglo-chinesa e inglesa propriamente dita.

2 — A Importância de Hong-Kong

Antes da chegada dos ingleses, Hong-Kong era apenas uma ilha quase que despovoada, abrigando população de pescadores e servindo de refúgio aos piratas.

No século XIX os ingleses dominavam o *comércio europeu em Cantão*; o ópio, proveniente da Pérsia e Índia, era o principal produto de importação. No entanto, havia uma proibição do go-



HONG-KONG
organizado por
Therézinha Castro - 1967

C H I N A

MAR DA CHINA MERIDIONAL

DC/ISPI

Samshui

Cantão

Honan

Fai-shan

Whampoa

Shekwan

Kumchuk

Boca do Tigre

Kongmoon

Sunwui

Heungshan

Chongshan

Si-Kiang

Kiao

MACAU

Lappa

Taipa

Sap-Chau

Poklo

Sheklung

Tungkun

Rio do Leste

Yang

Waichow

Budix

Sunon

Lintin

B. Mirs

Tangku

Kowloon

Lantau

Victoria

Pokiu-Chau

Po Toi

HONG KONG

vêrno chinês, desde 1729 para a importação deste produto. Tal medida tinha o duplo objetivo: preservar a higiene social e evitar a saída de numerários, exigida pela intensa importação da erva. Quando, em 1839 a China resolveu punir infratores deste comércio ilegal, em sua maioria ingleses, teve início a chamada *guerra do ópio*. Vencida a China, a Inglaterra obtinha, em 1841, pelo tratado de Cantão, ratificado pelo de Nankim, no ano seguinte, a posse de Hong-Kong, ilha à 1,5 km do continente, que serviria como ponto de apoio para seu comércio; a presença de uma guarnição militar no local daria proteção mais eficaz aos súditos ingleses. A fim de melhor proteger esse estabelecimento, a Inglaterra foi adquirindo as terras vizinhas: conseguiram anexar a península de Kowloon (1860); a área contígua à península, as ilhas de Lantão, Pokliu-Chau, Po-Toi e outras menores foram arrendadas sob o nome de "Nôvo Território", em 1898, pelo prazo de 99 anos.

Os ingleses haviam observado que, embora faltassem recursos à ilha, esta poderia se desenvolver, sob o ponto de vista comercial e que constituía *ponto de grande valor estratégico no caminho para a China*.

3 — Aspecto Geopolítico

As *posições insulares*, procuradas no século passado pela Inglaterra, serviram-lhe para controlar as rotas marítimas, aos poucos, foram se tornando ponto de maior ou menor importância estratégica.

Além das ilhas oceânicas, os ingleses procuraram estabelecer uma *rêde de empórios*, em ilhotas próximas do continente, como por exemplo Singapura e Hong-Kong, isoladas do interior e dotadas de bons portos. Estes empórios, no entanto, ficam na *mais estreita dependência da potência que ocupa o continente contíguo*; no caso de Hong-Kong apresenta-se a China.

A posição insular obtida pela Inglaterra em Malta¹, Santa Helena, Tristão da Cunha, etc., é militar e

juridicamente mais sólida que o estabelecimento marginal sobre a costa, representado por Gibraltar², Aden e Hong-Kong. Nestas últimas posições, a Inglaterra tem sofrido *pressões por parte das potências marginais*.

4 — O Destino de Hong-Kong

Há 79 anos estão os ingleses instalados nesta área do território chinês, que forma o conjunto da colônia de Hong-Kong. Esta é administrada por um governador, auxiliado por um Conselho Executivo; integra também o governo um Conselho Legislativo formado por elementos ingleses, chineses e hindus.

Desde a ocupação inglesa que Hong-Kong tornou-se a *porta comercial da China com o mundo exterior*; cerca de 75% das exportações chinesas seguem através deste porto para os países do sudeste asiático, em sua maioria pró-ocidentais. Por outro lado, só os Estados Unidos compram 28% de todos os produtos manufaturados em Hong-Kong, dando-lhe atualmente grande movimento turístico, através dos soldados licenciados na guerra do Vietnam, que vão até lá para gozar suas férias. Dentro da atual conjuntura, Hong-Kong rende à China cerca de 500 milhões de dólares anuais; e a participação direta do governo chinês, na economia lucrativa da colônia, talvez explique o aparente descaso de Mao-Tsé-Tung sobre a existência deste enclave inglês no seu território. Nestas condições, André Fontaine, num artigo publicado no *Le Monde*, de 9 de maio de 1967, diz que a "China necessita de uma porta para comerciar com o mundo exterior e Mao fecha os olhos diante das tremendas diferenças sociais, que existem em Hong-Kong, entre os ricos comerciantes e a população chinesa pobre, que vive em condições miseráveis. Fecha os olhos também ante o fato indiscutível de que Hong-Kong é território chinês".

Para a China, no entanto, que vive atualmente no *quase isolamento no mundo do dólar*, há interesse que Hong-Kong permaneça, pelo menos

por enquanto, nas mãos dos ingleses. Procura, por outro lado, o governo chinês, demonstrar que não lhe foge ao interesse o destino deste núcleo colonial.

Em abril de 1967 os jornais comunistas de Hong-Kong (Tan-Kung-Pao e Wen-Wei-Pao) publicaram *um editorial criticando o governador inglês*. No mês seguinte, insuflados pelos comunistas, realizou-se uma série de *greves operárias*, que culminam em choque com a polícia inglesa e a prisão de vários participantes. Mao-Tsé-Tung reclamou contra o que denominou de "repressão selvagem"; os comunistas, por sua vez, fechavam uma repartição inglesa em Shanghai, demonstrando, deste modo, o seu protesto.

Ficou tudo nesta situação mas, se o governo chinês quisesse realmente prejudicar Hong-Kong, o faria simplesmente *cortando o suprimento de água e energia elétrica* que lhe fornece. No entanto, embora os chineses estejam preocupados com a *presença dos Estados Unidos em Hong-Kong*, que se utilizam deste porto para o reabastecimento de sua esquadra, que luta no Vietnam, preferem manter o *status quo*,

já que este vem lhe proporcionando vantagens econômicas. Por isso o chanceler Chen-Yi declarou que, tanto Hong-Kong como Macau, já esperaram tanto tempo por sua liberdade, poderão esperar um pouco mais.

A soberania perpétua, transformada em concessão por 99 anos, deverá expirar dentro de 20 anos. Durante esse prazo ninguém sabe o que espera esta empresa comercial, vista pelos comunistas, como o "bastião do capitalismo em território chinês".

QUADRO ESTATÍSTICO

*Balança Comercial de Hong-Kong
(em milhões de dólares)*

ANO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO
1938.....	188	185
1948.....	523	404
1953.....	678	480
1956.....	799	563
1957.....	901	529
1958.....	804	524
1959.....	866	574
1960.....	1 026	639
1961.....	1 045	688
1962.....	1 165	768
1963.....	1 297	874
1964.....	1 496	1 012

FONTE. *Statistical Year Book* — 1965 — United Nations.

OS ESTADOS DA ARÁBIA

DELGADO DE CARVALHO

1 — Aspecto Geográfico

A Arábia é uma das três grandes penínsulas da parte tropical da Ásia. Constitui, pela sua forma maciça cercada de mares e um tanto isolada, uma península-continente, bloco de transição entre a África e a Ásia, das quais possui, nas suas extremidades (Mascate e Aden), características geológicas dos respectivos continentes vizinhos.

Geograficamente a Arábia é um planalto, cuja orla costeira no *Mar Vermelho* é elevada e cuja meseta vai perdendo altitude para nordeste, acabando em planícies no litoral do *golfo Pérsico*. A península é banhada de três lados (Mar Vermelho, Mar Arábico e golfo Pérsico). A orla ocidental do golfo de Akaba ao Bab-el-Mandeb é formada de uma estreita faixa costeira e de um relêvo de serras no Hedjaz, no Asir e no Yemen, que vão se elevando para o sul, alcançando altitudes de 2.000 a mais de 3.000 metros (Djebel Manar). Na costa nordeste também surge um esporão montanhoso de certa importância (Djebel Akdar). O interior do vasto planalto é percorrido por ondulações menores (Djebel Tuwaik). A parte central da península é desértica, sendo o *Nefud* o seu deserto no norte e o extremo *Rub al Khali* o seu deserto no sul. São numerosos, entretanto, os *wadis*, ou rios secos, que traçam, nas areias desérticas, sulcos profundos, ocasionalmente levando água. Por isso não faltam oásis formando grupos em certos setores do planalto, como o *Chamar*, o *Kasim*, o *Arma*, áreas rodeadas de faixas desérticas de areia e cascalho. Entre os *wadis* que se destacam no interior, sem entretanto alcançar o litoral, o Wadi Rima e o Wadi Saba são os principais. O clima arábico

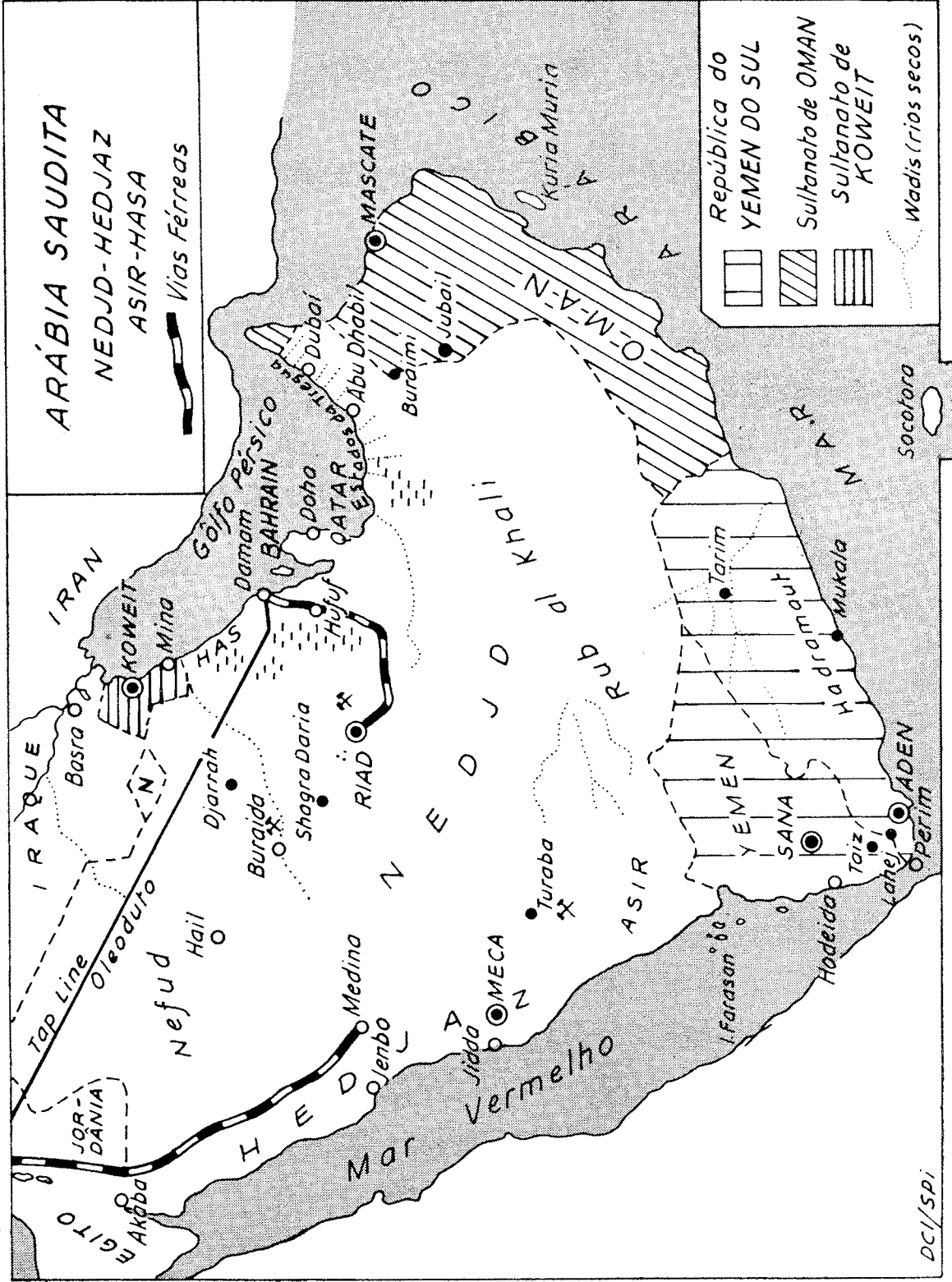
é marcado por duas fortes amplitudes diárias, que chegam a 60°C. O verão é muito quente, o inverno é fresco. A frente meridional do Yemen ao Hadramaut e ao Oman, as chuvas de monção lhe são trazidas do Oceano Índico.

Por mais numerosos que sejam os estados que se formaram ou se formam na grande península, as suas populações são relativamente homogêneas, falam a mesma língua, o árabe, seguem a mesma religião, o maometismo, e têm as mesmas profissões, lavradores e criadores, beduínos nômades ou sedentários. Os oásis apresentam concentrações de aldeias ou de tribos, com chefes locais, mais ou menos dependentes de monarcas, reis, *emirs imans* ou *cheiks* hereditários e absolutos, de tipo sultânico.

É fraca a densidade demográfica, os grupos se constituem na vizinhança de poços, que permitem irrigação para pequenas culturas e pastagens, na vizinhança de tamareiras. No sul, principalmente, cultivam-se *cereais*, *frutas*, *algodão*, *cana* e *café* (Moka); aí existe a lavoura em terraços. Além dos tradicionais camelos, são criados cavalos, cabras e carneiros que levam ao nomadismo da transumância.

2 — A Arábia Otomana

Muito antes do Império Romano anexar algumas regiões arábicas, onde se tinham destacado os reinos de *Petra* e de *Palmira*, o sudoeste da península tinha entrado na História com a sua rajna de Sabá. Durante séculos o judaísmo e o cristianismo, monofisista ou nestoriano, animaram o individualismo beduíno, mantendo a Arábia subdividida e agitada. No século VI, entretanto, a sua vasta área se torna o



centro do império muçulmano, tão rapidamente criado por sucessores de *Maomé*. Cedo, porém, essa unidade pelo laço religioso é novamente rompida, e, na própria península se dividem os *Karidjitas* de Oman, e os *Chuitas* de Yemen, partidários da família do profeta. Trinta anos, apenas, depois da morte de Maomé, já o califado abandona a Arábia, fixando-se os *Omiadas* em *Damasco*. Depois de dois séculos de dominação egípcia do califado fatimita, os turcos, que haviam destruído o império bizantino, se assenhoreavam da Arábia. (1517).

Foi nesta época, mais ou menos, que as relações econômicas dos europeus, comerciantes e navegadores, portugueses, holandeses e ingleses entraram em contato mais íntimo com o mundo árabe do Oceano Índico, pelo fato de as vias continentais terem sido ocupadas pelos turcos, pouco favoráveis ao trânsito de "infiéis". Os principados teocráticos da Arábia passaram a ser, igualmente, hostis aos europeus, salientando-se, então, a pirataria de Oman, de Mascate e da chamada "Costa dos Piratas" (hoje ditos "Estados da Tré-gua" ou "Trucial States").

Os Turcos, aliás, nunca conseguiram dominar, efetivamente, os árabes da península, nem jamais ocuparam o seu interior, limitando-se a colocar guarnições militares no Hedjaz. Terra Santa dos muçulmanos, com *Meca* e *Medina*, no Yemen, onde os recursos econômicos, as culturas, principalmente, eram mais fáceis. A política turca na Arábia consistia, principalmente, em fomentar as lutas internas entre os principados da península. O Sultão Abd-ul-Hamed tinha, entretanto, esperança de obter um contato mais perfeito e, por isso, empenhou-se na construção de estradas de ferro no Hedjaz, visando alcançar Medina e Meca. A realização de um domínio completo era tanto mais difícil que heresias muçulmanas davam aos potentados locais pretextos para reivindicações territoriais e lutas de independência. Já no princípio do século XI, Mamud II, (tio avô de Abd-ul-Hamed) havia tido que

recorrer ao Egito de Mehemet-Ali para conter um movimento nacionalista pan-arábico da seita religiosa dos *Wahabitas*. (Batalha de Daria, 1818).

No início do presente século já surgia, novamente, uma "questão árabe", com repercussão na península, onde os ingleses, inspirados por T. E. Lawrence, tinham a oportunidade de escolher o príncipe árabe que lhes fôsse fiel executor da política de Londres.

3 — Os Hashimitas do Hedjaz

Quando, em 1914, estourou a primeira guerra mundial, o *Império Otomano* se achava enfraquecido por ter tido que enfrentar, sucessivamente, a Itália e os países balcânicos. Na península arábica era ainda este império nominalmente suzerano de várias regiões políticas empenhadas em se tornar independentes. Para criar dificuldades à Grã-Bretanha no Oriente Médio, o govêrno de Berlim havia conseguido a cooperação armada do Sultão Maomé V nessa conflagração.

A partir de julho de 1915, entraram as negociações diplomáticas dos aliados, franceses, russos e britânicos, numa fase de inexplicável confusão a respeito da futura divisão que pretendiam fazer entre si, dos domínios turcos no Oriente Médio. O *Acôrdio Sykes-Picot*, entre Londres e Paris era relativo à Palestina, à Síria e à Mesopotâmia; criava compromissos territoriais incompatíveis com as promessas feitas (oralmente, é verdade) a chefes de dinastias da Arábia.

Para os ingleses a segurança do *caminho das Índias*, durante o conflito, era uma questão de decisiva importância; era, pois, necessário à Grã Bretanha obter, no Oriente Médio, súditos otomanos em busca de independência, prontos a auxiliá-la militarmente. Foi nestas condições que, em outubro de 1914, Lord Kitchener ofereceu ao *xerife de Meca* uma condicional independência e um território no Oriente Médio. Era este xerife um árabe nobre, Hussein, da família Hachim, descendente do Profeta. Governava então o Hedjaz; apesar de amigo

de Abdul-Hamid, havia sido mantido xerife pela revolução jovem-turca de 1909. Hussein tratou logo de obter dos aliados promessas definitivas de terras da Palestina e da Síria, isto é, de regiões a respeito das quais a Inglaterra já tinha compromissos com a França. Outras dinastias de *Nedjd* monarcas árabes existiam no *Nedjd*, no *Asir*, no *Yemen*, no *Chamar*, onde reinava, na sua capital *Hail*, a família Rachid. O xerife Hussein visava substituir o sultão turco no kalifado e levar seus futuros estados até o Mediterrâneo e o golfo Pérsico. O Alto Comissário britânico, Mac-Mahon, prometeu, tendo declarado que a Grã-Bretanha não se opunha ao kalifado hachemita desejado. Thomas Edward Lawrence, um orientalista entusiasta, era agente político britânico e determinou Hussein a auxiliar, indiretamente, a conquista da Palestina pelo general Allenby (1917-18). Era amigo também dos filhos de Hussein, os príncipes Faisal e Abdala; ambos atuaram diplomática e militarmente: os seus beduínos ocuparam Akaba e expulsaram as forças turcas de Medina e auxiliaram os aliados em Damasco.

A 29 de outubro de 1916, Hussein se fazia proclamar rei dos Árabes pelos notáveis de Meca; a Grã-Bretanha, porém, o reconheceu apenas "rei de Hedjaz" e compensou os hachemitas, fazendo Abdala rei da *Transjordânia* e Faisal rei do *Iraque*. Os tratados de *Versalhes*, de *Sèvres* e, mais tarde, de *Lausanne* não satisfizeram as ambições hachemitas e, quando foi tentada a conquista do *Nedjd*, sofreram a derrota de *Turaba* (1919).

4 — As Aventuras de Ibn Saud

O vencedor de Hussein em *Turaba* era o wahabita *Abdel-Aziz Ibn Saud*, que desempenhava no *Nedjd* o cargo de *wali* turco. Era descendente de nobre família árabe do século XVII que, tida como herege, havia sido vencida pelo filho de Mehemat Ali, em 1818, sendo destruída a sua capital *Daria*. Em seguida, tinham os sauditas fundado *Riad*, atual capital e, em 1915,

sido novamente derrotados, em *Djarrah*, pelos turcos auxiliados pelos *Rachid* de *Hail* (Chamar). Os ingleses tinham planejado aproveitar os serviços de Ibn Saud nas operações do Oriente Médio, mas o Wahabita recusara e, por isso, havia sido solicitado o auxílio dos hachemitas. Turaba, porém, restaurava o prestígio da dinastia e Ibn Saud, empenhado em efetuar reformas e reorganizar a sua monarquia nedjdita, que seu pai *Abdel-Ramon* lhe deixara governar, não hesitou em prosseguir nos seus planos. Consistiam em executar o que Hussein não havia conseguido fazer: criar um império árabe na península. A diplomacia saudita era essencialmente religiosa; criada uma confraria, os *Ikhwans*, sob rigorosa lei islâmica wahabita, constituía esta uma série de colônias agrícolas-militares, formando centros políticos que, aos poucos, iam anexando os territórios vizinhos mal defendidos. Assim, já em 1913, o wali do *Nedji* tinha alcançado o litoral do golfo Pérsico (*Hasa*) e procurado intervir no *Asir* e mesmo no *Yemen*. O adversário e concorrente principal havia sido, porém, o hachemita de Meca que, já em 1919, a Grã-Bretanha não tinha mais interesse em proteger. Enquanto não eram fixadas as fronteiras dos *Estados sob Mandato* (*Iraque*, *Síria*, *Transjordânia*) Ibn Saud ia estendendo os seus domínios para o noroeste da península, no *Nefud* e no *Wadi Sirhan*; entendia-se com *Kowait* e admitia duas zonas neutras". Negociador hábil e arrojado chefe militar, Ibn Saud sabia, entretanto, temporizar e esperar a ocasião nas suas constantes aventuras de guerra. Tinha êle 46 anos, em 1926, quando convocou em Meca um *Congresso pan-islâmico* numa hora em que tinham de ser menos numerosos os representantes do Cairo. O wahabita reivindicou na Assembléa a igualdade de todos os ritos, o livre acesso às cidades santas, a liberdade dos peregrinos que Hussein havia sobre-carregado de impostos. Foi bem sucedido e neste mesmo ano recebia o título de *rei do Hedjaz* que, além do de sultão do *Nedjd*, o tornou finalmente

“rei do Hedjaz, do Nedjd e Dependências”. Hoje o seu país é chamado “Reino da Arábia Saudita” (1932).

Não arrefeceu a atividade diplomática de Ibn Saud. As questões de fronteiras que o iman *Yahia do Yemen* procurava resolver com o apoio da Itália, então interessada na sua colônia africana da *Eritrêia*, foram, finalmente, decididas em 1837, à custa das terras do Asir (tratado de Taif em 1953). Com *kowarîit*, as questões de petróleo foram regulamentadas em 1942. A cooperação com a Jordânia foi fixada em 1962. Aos 84 anos, em 1964, falecia o valente árabe a quem sucedia seu filho Faisal II.

5 — Os Destinos de Aden

Quando os navegadores portugueses, interessados no Oriente, conseguiram convencer *El Rei D. Manoel* que a guerra com os mouros prejudicava o comércio com os gentios, trataram *D. Francisco de Almeida e Afonso de Albuquerque*, impor, pela força das armas, o abandono do obstrucionismo dos monarcas muçulmanos dos mares das Índias. Foi assim que depois de ter tomado a ilha de *Socotora*, em 1507, Afonso Albuquerque conquistou *Ormuz*, mas, em 1513, falhou no ataque de *Aden*, por se terem quebrado as escadas na escalada”. Não havia escapado aos portugueses a importância estratégica do *Chat-el-Arab* e do *Bab-el-Mandeb*.

Reinava, naquela época, na Turquia *Solimão o Magnífico*, amigo de Francisco I da França e inimigo de Carlos V. O Império otomano teve, então, a sua maior extensão territorial e, em 1538, uma esquadra turca desceu o Mar Vermelho e ocupou o *Yemen* e *Aden*. O sultão de *Sana* conseguiu, todavia, estabelecer sua supremacia sobre o porto de *Aden*, até o Sultão de *Lahej* se tornar independente, por sua vez (1735). Trezentos anos depois da conquista turca, coube à Inglaterra anexar *Aden* (1839) e, mais tarde, a ilha de *Perin*, obtendo, assim, o controle da navegação entre o Egito e a Índia e um porto de escala e reabastecimento para sua marinha. A abertura do canal de Suez deu nova importância a *Aden* e

estendeu a sua zona de influência pelo interior montanhoso da península, entre o *Yemen* e o sultanato de *Oman* (*Mascate*).

A administração da colônia britânica de *Aden* ficou a cargo do governo da Índia. De lá partiam os cabos submarinos da *Western Telegraph Co.* para a Austrália, Zanzibar e o Oriente Médio. Só em 1937 tornou-se *Aden* uma província separada da Índia para ser “Colônia da Coroa”. Sua população atual é calculada em cerca de 300 mil habitantes, sendo menos de 5 mil os europeus.

Na vertente do golfo Pérsico estão localizados vários Estados Árabes, de limites territoriais imprecisos. Entre outros se destacam *Kowait*, *Bahrain*, *Qatar*, que enriquecem seus respectivos governos com suas consideráveis reservas de petróleo. Na parte meridional do golfo, o litoral é ocupado pelos sete “Estados da Trégua” (*Trucial States*) entre outros *Dubai* e *Abu Dhabîl*; são assim chamados estes antigos Estados-Piratas por terem, em 1853, assinado uma trégua com a Inglaterra, comprometendo-se a não mais hostilizar a *East India Co.* e a conformar a sua política exterior às diretrizes da Grã-Bretanha.

Quanto ao *Yemen*, ocupado pelos turcos e pelos egípcios, desde o início do século XIX, conseguiu, graças à intervenção britânica, se libertar do domínio turco e fixar suas fronteiras em 1914; com a derrota turca, na primeira guerra mundial os *Yemitas* alargaram os seus domínios, mas tiveram, então, de tratar com a Arábia de Ibn Saud. Por sua vez, *Aden* adquiriu as ilhas de *Kamaran* e obteve de *Oman* as ilhas *Kuria-Muria*, (que, aliás, lhe foram restituídas em 1967).

Com as numerosas modificações políticas e territoriais que se deram nos Estados do Oceano Índico, com as novas condições de transportes e produtos, a posição de *Aden* perdeu muito do seu valor geopolítico e estratégico para a Grã-Bretanha. Daí as freqüentes alterações que têm sofrido ultimamente os destinos de *Aden*. Do “Protetorado” de

Aden, que passou a ser "Colônia da Coroa", foi feito "Estado de Aden" em 1965, dotado de nova Constituição (1963). Mas, já em 1960, Aden havia sido incluído na *Federação da Arábia do Sul*, com uma prometida independência para 1968. A oposição do povo de Aden, temendo cair o poder entre os Estados e tribos do interior, criou um movimento de revolta, que levou ao abandono da idéia. A solução política, talvez definitiva, foi achada em novembro de 1967: o conjunto dos Estados sulistas da Arábia, isto é Yemen, Aden e Socotora, se constituíram em República do Yemen do Sul (Republic of South Yemen).

6 — A Arábia e seu Petróleo

O crescente interesse que vem despertando, recentemente entre as Nações, os destinos da Arábia peninsular, é devido, principalmente, ao fato da descoberta de *petróleo* nas regiões vizinhas do golfo Pérsico. O grande surto da industrialização substituiu a "Idade do Ferro" pela "Idade do Petróleo", pois todas as atividades econômicas da hora presente dependem, direta ou indiretamente, da exploração do petróleo. No *Iran* ocidental, foi descoberta, em 1908, a sua existência. Entre 1918 e 1939, foram gastos milhões em pesquisas nas regiões do golfo e a Segunda Guerra Mundial colocou os beligerantes na dependência de sua produção. As rendas consideráveis que o petróleo acumulou nos tesouros árabes, se pouco melhoraram a vida das populações subdesenvolvidas, permitiram, entretanto, um contato mais íntimo de suas elites com a cultura ocidental e alguns progressos na ordem

material, no setor militar principalmente. As vitórias de Ibn Saud foram, em parte, devidas a seu aparelhamento em automóveis, aviões, rádios e armamentos. A produção mundial de petróleo, que era de 467 mil toneladas em 1948, subiu a 1.410 mil em 1964, das quais cerca de 25% provinham do golfo Pérsico, sendo 106 mil toneladas a quota de Koweit, 85 mil a da Arábia Saudita, 84 mil a do Iran, seguidos do Iraque, das zonas neutras (Koweit e Saudita) de Qatar e de Bahrain. As companhias estrangeiras que esplotavam as jazidas árabes, pagando altas porcentagens e *royalties* aos soberanos, são britânicas, holandesas, americanas e francesas (*British Petroleum, Royal Dutch Shell, Standar Oil, Texas, Gulf Oil, Socony, Cie. Française des Pétroles*). Um oleoduto de dois mil quilômetros de extensão liga Daman ao porto libanês de Saida, é a TAP (Trans-Arabian Pipeline).

É inútil dizer que, apesar da concorrência normal e leal entre os diferentes grupos ocidentais, não deixa de haver casos de sérias rivalidades, principalmente entre os grupos americanos, que trabalham com a Arábia Saudita e os grupos britânicos de Koweit e de Oman. No caso do rio Oásis de Buraimi, nos limites mal definidos de Oman, da Arábia Saudita e de Abu Dhabil, a questão foi levada à Corte Internacional de Justiça pela "Arabia American Oil" e pela "Iraq Petroleum Co". De outro lado, o estado de guerra que permanece no Oriente Médio, entre Israel e os Árabes, não deixa de repercutir desfavoravelmente nas questões de exploração e trânsito de petróleo.

ATUALIDADES MEXICANAS

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG.

I — Aspectos Geográficos Gerais

A maior parte do território mexicano corresponde a um relêvo *tabular*, em forma de cornucópia, que se vai estreitando e, ao mesmo tempo se inclinando, à medida que se caminha para o sul. Esse planalto central, com denominações locais, entre as quais o de *Anauac*, onde está a cidade do México — capital do país, é cercado por cordilheiras marginais. São as *serras Madre Ocidental e Madre Oriental* que, se encontrando no sul, formam complicados nós montanhosos, intercalados por vales intermontanos. Mais para o sul, surgem as planícies localizadas no *istmo de Tehuantepec*; esta zona caracteriza-se pela abundância de comunicações naturais, tanto para a vertente atlântica, formada pela baía de Campeche, como para a do Pacífico, onde está o golfo de Tehuantepec. O território mexicano continua, ainda, através da *península de Iucatã*, terra quente e menos fértil que a primeira, onde são encontrados bosques exuberantes, formados por seringueiras, pau-rosa e, se torna possível as culturas do café e fumo. No entanto, a península de Iucatã ressalta em importância pelo *valor mineral* de seu subsolo petrolífero, como também pela cultura do sisal. *Mérida* e os portos de *Campeche e Progreso* aí se destacam.

O México possui *duas amplas fachadas marítimas*, banhadas pelo Atlântico e Pacífico, que lhe proporcionam posição privilegiada nas grandes rotas do tráfico mundial para a Europa e Extremo Oriente. Ambas as costas, oferecendo uma curva côncava e a outra convexa, são baixas e arenosas, não oferecendo, por isso bons

portos. O litoral atlântico, formado pelo *golfo do México* é, no entanto, melhor regado de chuvas; *Vera Cruz e Tampico* são os portos mais movimentados. A costa do Pacífico inclui, ao norte, o golfo da Califórnia e a península do mesmo nome, com 1.200 km de comprimento, onde a pequena quantidade de guano obtida nas ilhas costeiras, pescarias e pérolas dão-lhe algum valor econômico. O porto de *La Paz*, o mais importante da região, é obstruído por bancos de areia, dificultando a entrada dos navios. Assim, as minas de prata da região de Santa Rosália e as de cobre da Boléa, vão depender, para as suas exportações, do porto de Guayamas no continente. O abastecimento da península se encontra em certa dependência dos Estados Unidos, com os quais divide o aproveitamento do delta do Colorado, através do *canal Imperial*. Segundo acôrdo bilateral, a divisão destas águas é de 50% para cada um dos países; o desenvolvimento e organização da área toda é *controlada pelos Estados Unidos*; os entendimentos são realizados na cidade mexicana de *Mexicali* e na estadunidense de *Calexico*. O algodão, trigo, cevada e frutas, entre os quais a laranja, são as principais culturas de irrigação no local.

A costa continental mexicana, que fica em frente à península da Califórnia é árida. Sua vida está condicionada aos rios *Sonora, Yaqui e Fuerte* que, nascendo na serra Madre Ocidental, são permanentes. Os dois principais da região são: *Guayamas*, na região árida do norte, e *Mazatlan* em zona de chuva estival; ambos vivem da exportação mineral, que procede da

serra Madre Ocidental. Finalmente, já banhado pelo Pacífico, destaca-se o pôrto de *Acapulco*, numa zona de clima quente, produtora de algodão, cacau, milho e frutas tropicais.

Na Serra Madre Ocidental encontramos o centro coletor mineiro de *Durango*, dominando a famosa montanha de ferro, um pouco ao sul. Também se encontram, em zona de mineração, *Zacatecas*, *S. Luiz de Potosi* e *Guanaajuato*. Já *Monterrey* e *Saltillo* na serra Madre Oriental, onde já se tem melhor quantidade de chuva, dominam áreas agrícolas especialmente de trigo.

O solo plano da meseta central, circundado pelas cordilheiras ocidental e oriental, onde o vulcanismo foi mais intenso, possui zonas férteis; a população dêstes vales dedica-se, de preferência, à agricultura do milho, que é, também, seu principal alimento, seguido pela cevada. O mais importante dêstes vales elevados, cuja altitude é suficiente para assegurar um tipo temperado de clima, é formado pelo *planoalto de Anauac*, onde se encontra a capital mexicana (2.277 de altura). A disposição da rêde hidrográfica que, da serra Madre Oriental atinge o litoral atlântico, propiciou a esta região tornar-se o *núcleo das principais centrais hidrelétricas* do país. Ai, a principal central é a de *Nexaca*, onde o *rio Tecolutla*, embora de pequeno curso, apresenta quedas, cujas alturas variam de 140 a 230 metros; sua energia hidráulica alimenta fábricas da capital e põe em funcionamento os estabelecimentos mineiros de *Pachuca*. No mesmo caso, o *rio Atoyac* serve para impulsionar, com sua energia aproveitada, os moinhos algodoeiros de *Puebla*. O *rio Conchos*, que alimenta o lago de Toronto, fornece energia aos estados do norte, especialmente a *Chihuahua*; é afluente do *rio Bravo* ou *Grande del Norte* que, desde a cidade de *Juarez*, na fronteira com os Estados Unidos, separa êste país do território mexicano, banhando regiões quentes e áridas e sendo aproveitado para a irrigação.

Com uma área de 1.972.546 km², pouco maior que o nosso estado do

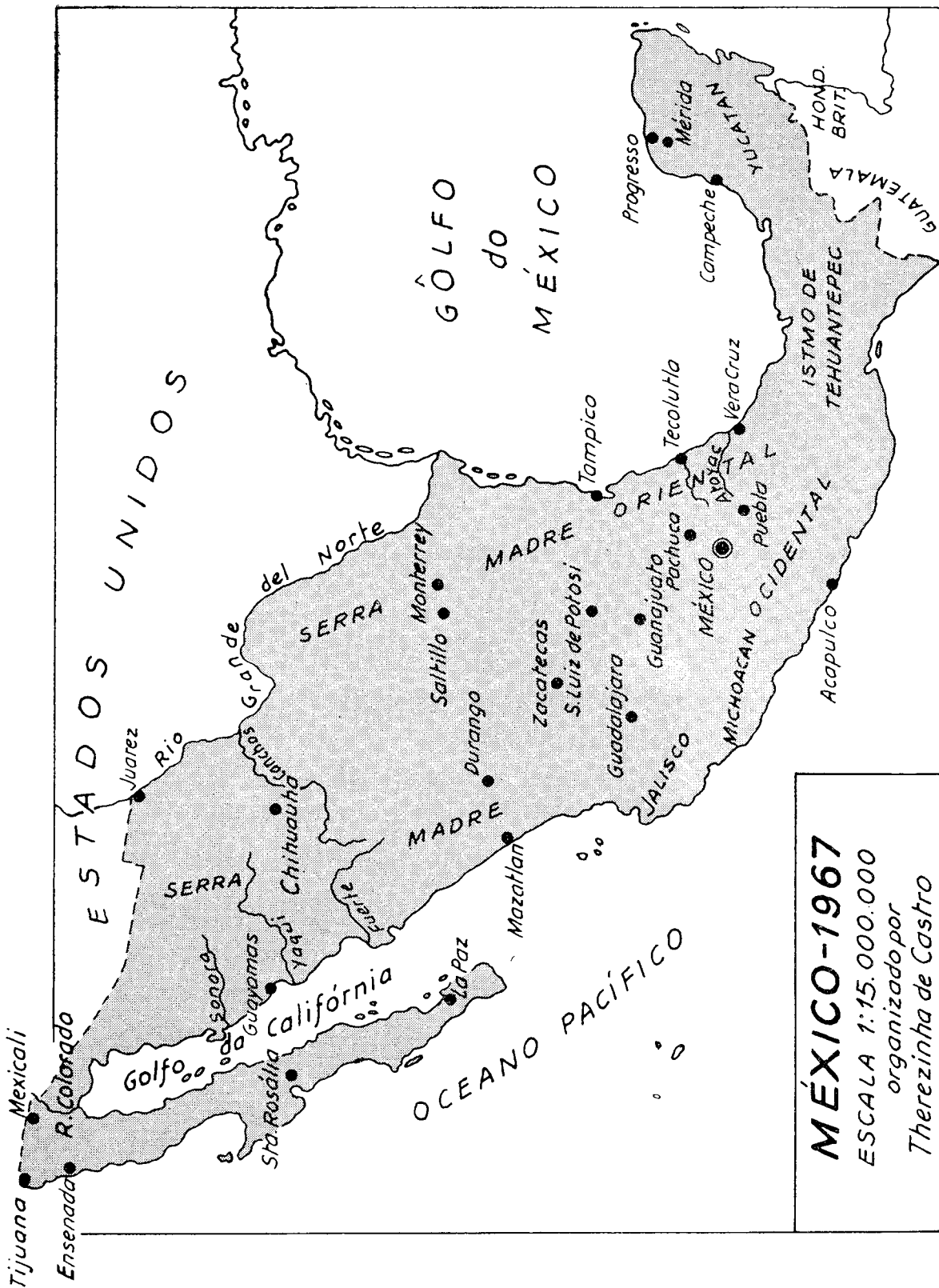
Amazonas, apresenta-se o México com uma população de 43.596.675 habitantes, equivalendo à metade dos que vivem no Brasil. O México vem se destacando, na atualidade, dos países latino-americanos, por sua *estabilidade política e desenvolvimento econômico*. Tais fatos, porém, não impediram que o México entrasse, também, no rol dos países escolhidos para a *agitação esquerdista*. Daí a intervenção do exército mexicano no Iucatã (1966) e no estado de Sonora (1967), descobrindo, em seguida, duas escolas de treinamento de guerrilhas em plena capital do país. No entanto, o México é o único país da América que continua a manter relações diplomáticas com Cuba.

2 — Evolução Política

Conquistado o México pelos espanhóis, foi seu território integrado no *Vice-Reinado de Nova Espanha*. A riqueza de seu subsolo, pródigo em ouro e prata, fez com que a mineração se desenvolvesse aí, à custa da agricultura. Assim, o movimento revolucionário pró-independência seria levado a efeito principalmente pelos índios explorados pelos espanhóis, ligados aos mestiços rurais.

Independente sob forma monárquica, o *Império do México* era bem vasto, incluindo a América Central e estendendo-se até os limites do Texas e da Califórnia. Desfeito o império, dêle se separava a América Central (1823). A república mexicana foi então organizada na base da dos Estados Unidos, como uma federação de estados semi-autônomos. No entanto, como o centralismo possuía fortes defensores, abre-se no país um período de lutas entre êles e os federalistas; dominando ora um partido ora o outro, acentuavam-se as *disputas regionais que colocavam caudilhos ambiciosos no poder*.

Após o *centralismo de Santana*, quando o México perdeu, para os Estados Unidos, boa parte do seu território nortista, as lutas civis pelo poder proporcionaram a intervenção francesa e o *estabelecimento do império de*



MÉXICO-1967
 ESCALA 1:15.000.000
 organizado por
 Therezinha de Castro

Maximiliano. Juárez, que moveu ao governo deste príncipe austríaco constante campanha de guerrilhas, consegue transformar novamente o México numa república (1867). Falhava assim o objetivo francês de instalar nesta região uma monarquia latina católica, para barrar a influência dos Estados Unidos, república anglo-saxônica protestante. Coube a Juárez *estimular a entrada de capitais estrangeiros* no país com a finalidade de promover o seu desenvolvimento econômico; procurou, por outro lado, resistir à influência estadunidense, reconstruindo o México dentro das diretrizes industriais.

Durante o longo período do *governo ditatorial de Porfirio Díaz*, o México iria perdendo, aos poucos, as conquistas liberais e passava a ser dirigido por uma elite constituída por cientistas ou tecnocratas, por uma oligarquia de latifundiários e por diretores de indústrias controladas, em parte, pelo capital estrangeiro. Acelerou-se o desenvolvimento econômico do país com a introdução de métodos novos e científicos de extração de minérios, sendo promovido o *ressurgimento da nova indústria petrolífera*. Desfazendo a posição dominante na vida política e econômica do país, desempenhada pela cidade do México e pórtio de Vera Cruz, ligados por estradas de ferro, *expandiu o sistema ferroviário*, que alcançou a maioria das capitais estaduais que entraram, assim, em conexão com o centro administrativo; ao findar-se o seu governo, dos 720 km de ferrovias o país já possuía 26.000 km. Centralizando cada vez mais o seu poder, em favor do interesse nacional, *aboliu os direitos aduaneiros estaduais*, reservando-os exclusivamente ao governo federal (1886). Revogando a lei 1.884, que distinguia as concessões do solo das do subsolo, conferiu a propriedade do primeiro juntamente com a do segundo. Proporcionou, assim, aos capitalistas estrangeiros a aquisição tanto de terras mineiras como agrícolas; estes conseguiram obter grandes propriedades ou *haciendas* que vieram substituir a propriedade comunal indi-

gena ou *ejidos*. Assim, o solo mexicano estava quase todo repartido em 8.000 propriedades bem extensas, em mãos de *proprietários absenteístas, em geral estrangeiros*; por outro lado 90% da população rural do país estava sem terras para lavrar, enquanto os *peones mexicanos* trabalhavam nas minas e florestas, cujos lucros escoavam-se para o exterior, em forma de dividendos pagos aos acionistas. Convertendo-se numa colônia do capital estrangeiro, um ditado popular sintetizava a situação, dizendo que o México tornara-se "uma mãe para os estrangeiros e madrastra para os mexicanos".

O movimento que derrubaria Porfirio Díaz do poder, acabou por converter-se numa autêntica *revolução social* (1911). Sob o lema "Sufrágio Efetivo Sem Reeleição", *Francisco Madero* consegue se impor, com o chamado *Plano de São Luiz de Potosi*, no qual introduzia modificações no sistema eleitoral e se referia, embora vagamente, à restituição das terras aos índios. Mas não podendo pôr logo em prática os planos de reforma agrária, levou o país a sofrer *campanhas de terrorismo e destruição das grandes propriedades*, levadas a efeito por líderes locais, que não conseguiu controlar; entre esses líderes camponeses, *Pancho Vila*, tornou-se famoso e, até mesmo perigoso. No entanto, Madero lançara a semente; os governos seguintes prosseguiram na obra revolucionária, cujos frutos viriam a ser colhidos na atualidade.

3 — Situação Econômica

O atual presidente, *Gustavo Díaz Ordaz*, que deverá dirigir os destinos do México até 1970 é tido por interessar-se demasiadamente pela indústria e relegar a agricultura a segundo plano. Ora, *2/3 do território mexicano são ocupados por montanhas*; a este fator se junta o do *regime irregular das chuvas no sul e a semi-aridez no norte*, contribuindo para que a agricultura, no país, não seja das mais prósperas. A *Reforma Agrária*, posta em vigor gradativamente desde 1915, já distribuiu

cêrca de 50,2 milhões de hectares de terras, correspondentes a 50% de todo o território produtivo do país. Hoje, 2.200.000 camponeses são proprietários de granjas ou sítios, com tamanhos médios de 6,5 hectares, que variam para maior ou menor área, segundo a fertilidade da região. Assim, nas zonas de melhor pluviosidade já foram estabelecidas cêrca de 40.000 pequenas propriedades, enquanto no norte semi-árido continuam a existir as grandes fazendas.

A monocultura é inexistente no México. Sua *agricultura diversificada* pode ser aprovada pelo fato de ser o 6.º país produtor mundial de *algodão*, *café*, *laranjas e tangerinas*; o 5.º na produção de *cana-de-açúcar*, *grão-de-bico e milho*; o 4.º na produção de *feijão* (estatísticas de 1966). Sua *exportação agrícola é diversificada*, pois embora 20% seja representada pelo algodão, esta é suplementada pelos 10% divididos entre o café e o açúcar.

Por outro lado, a construção de represas, sistemas de irrigação, estradas e rêdes de eletrificação rural, vêm permitindo, ao lado de novas técnicas agrícolas e emprêgo de fertilizantes, um *desenvolvimento maior da zona rural*. A *Central de Malpasco*, à cargo da Comissão Federal de Eletricidade, que conta com financiamentos estrangeiros, entre os quais do Banco Mundial, do Credit Comercial da França e do Kredietbank do Luxemburgo, dotará o país de 720 mil kW, potencial êsse já programado para 1 milhão de kW. Tais programas governamentais vêm desenvolvendo, aos poucos, a vida agrícola do país. Assim o México, que há 20 anos atrás importava 50% do trigo e milho consumidos por sua população, hoje já se auto-abastece; no citado período, o milho ultrapassou de 540 para 1.034 quilos, enquanto a produção de trigo triplicava de 762 para 2.013 quilos por hectare.

Os mais vastos horizontes oferecidos pela indústria contribuíram, porém, para a *diminuição da população rural e consequente aumento da urbana*. Em 1910 a população rural correspondia

a 77,7%, em 1960 havia baixado para 54,2%; ficava assim, a população urbana com um sensível acréscimo, que lhe deu o índice de 45,5%. O setor rural, por sua vez, apresenta-se bem diversificado: a minoria de 30% é formada de *granjeiros comerciais*; 35% são os *granjeiros de subsistência*, que consomem o pouco produzido; os *granjeiros transitórios*, abrangendo 45%, são os que conseguem vender de 1/4 à 3/4 de sua produção. Estudando essa situação, os especialistas R. J. Laird e J. Horácio Rodriguez afirmam que um melhor desenvolvimento da agricultura poderá ser conseguido quando o govêrno, através de ajuda direta, puder *eleva*r o *granjeiro transitório ao nível do comercial*. Ambos estudaram os efeitos do *adubo nitrogenado* nas colheitas de milho feitas nos estados de Michoacan, Jalisco e Guanajuato; concluíram, então, que mesmo em condições desfavoráveis, em cada pêso invertido em fertilizante, o pequeno agricultor obteria milho no valor de 4 pesos. Ora, se o govêrno mexicano promete empregar, em 1971, 300 mil toneladas de nitrogênio, no valor de 1.500 milhões de pesos, isto significará um adicional de 6.000 milhões de pesos para o setor rural, ou seja, aproximadamente 20% da produção agropecuária em 1966.

O *desequilíbrio entre o campo e a cidade* é, ainda, um dos problemas a ser resolvido pelo govêrno mexicano. O México foi dos primeiros países americanos a pensar na sua industrialização. A *indústria mexicana é bastante variada*, mas está quase tôda a cargo de *empresas estrangeiras*; a lei só proíbe o contrôle externo no ramo das indústrias petrolíferas e de energia elétrica.

A *política protecionista do govêrno* no ramo industrial, isentando os acionistas do impôsto de renda sôbre os dividendos, já que êste é cobrado sôbre os lucros da empresa, ao lado da mão-de-obra abundante e barata, atraiu os investimentos externos para as pequenas cidades do interior. A *proximidade dos Estados Unidos* é outro fator de suma importância no caso; os ca-

4 — O Progresso e a Estabilidade Política

pitais estadunidenses, que antes procuravam mercados em Hong-Kong, Coréia do Sul e até mesmo Japão, estão preferindo o México, que lhes oferece maiores vantagens. Por outro lado, as inúmeras empresas estadunidenses estabelecidas na fronteira mexicana, *resolveram o problema do desemprego no norte do país*; assim, a indústria mexicana, em plena expansão, cria cerca de 180.000 empregos anuais, calculando-se uma base de 5,4 milhões de dólares empregados em fábricas, funcionando com 4.500 operários (1967). Espera-se que, na base de lucros superiores a 20% neste mercado, o incremento de investimentos de capitais estadunidenses atinja, num futuro bem próximo, a cifra de 600 milhões de dólares anuais.

O sistema das fábricas gêmeas instaladas na fronteira, proporcionou a empresas de eletrônica dos Estados Unidos, entre as quais a Litton, Fairchild e Raytheon, ótimos resultados. Tais empresas possuem fábricas nos Estados Unidos e no México; no setor mexicano está a parte de produção que exige mais mão-de-obra, já que aí um operário custa 60 cents a hora e, nos Estados Unidos custaria US\$ 2,40; uma vez semi-elaborado o produto, este vai para a fábrica gêmea, no lado dos Estados Unidos, onde as máquinas proporcionam-lhe o acabamento, sem a necessidade da excessiva mão-de-obra. Nas imediações das cidades de *Tijuana, Ensenada e Mexicali*, cerca de 35 fábricas já estão operando neste sistema, o que permitirá ao governo mexicano estabelecer *florescente centro manufaturado nesta região nortista*.

A facilidade de transportes, a proximidade de mercados produtores e consumidores e a política protecionista do governo mexicano, levaram um grupo de estudiosos da *Wharton School of Business and Finances* da Universidade de Pensilvânia a afirmar que, embora seja interessante a oportunidade de inversão na Inglaterra, Índia e Brasil para as empresas estadunidenses, o México possui um *clima de inversão bem mais atraente, com oportunidades bem mais amplas*.

O progresso que experimenta o México, nos dias atuais, não se relaciona somente aos fatores de haver criado uma economia diversificada e de sua fronteira geográfica com os Estados Unidos. Para que sejam feitos investimentos torna-se necessário, antes de tudo, *um clima de confiança para o investidor*; esta confiança está firmada numa relação direta com a *estabilidade política do país*.

Ora, o México é dos países da América Latina que goza de maior estabilidade política; há mais de trinta anos que não sofreu um só pronunciamento militar. Presidentes sucessivos têm, desde então, sido eleitos e transmitido democraticamente o seu mandato.

Essa estabilidade política cimentou a *estabilidade monetária*; o *ritmo inflacionário é baixíssimo*, já que seu coeficiente de aumento foi de 2,2% durante o período de 1960/66, enquanto no Brasil atingia-se a 60,5%. Esse fenômeno atraiu as finanças internacionais; assim, no período 1964/67, mais de 20 bancos estrangeiros, entre os quais dos Estados Unidos, da Suíça, da França, da Espanha e do Canadá, instalaram filiais no México.

A estabilidade política é devida, finalmente, em grande parte, ao fato da vida do país estar submetida a *uma agremiação monolítica* — o PRI (Partido Revolucionário Institucional) que, embora admitindo partidos de oposição, controla a máquina eleitoral, consagrando, com maiorias esmagadoras, os candidatos oficiais. Cabe a esse partido eleger o presidente que, durante 6 anos, pode levar avante os seus planos de desenvolvimento.

Apesar de tudo, o México tem *alguns problemas* para serem resolvidos:

a) *A forte expansão demográfica*, em torno de 3,5% ao ano, impedindo que os investimentos, que têm oscilado em torno de 200 milhões de dólares por ano, a sigam na mesma proporção.

b) O *desequilíbrio entre o campo e a cidade*; a classe média crescendo em ritmo acelerado já exerce pressão para a *mexicanização do país*, que se encontra numa estreita dependência dos Estados Unidos, seu principal comprador, fornecedor e investidor.

c) Os setores populares e

camponeses, o sustentáculo do PRI, vêm nascer, com o desenvolvimento econômico do país, *uma minoria financista-industrial*; esta controlando 80% do sistema bancário privado e uma porção substancial da indústria, poderá vir a abalar o prestígio do atual partido majoritário.